

Nem tão fanáticos: discurso peronista, desvio e excesso (1946-1955).

Paulo Renato da Silva.*

Resumo: O fanatismo era considerado por Evita uma “força espiritual” do peronismo. No entanto, analisando-se o próprio discurso peronista e representações dos setores populares na literatura argentina do período, encontramos um quadro que destoa da “defesa entusiasta e fervorosa da doutrina peronista”, como Eva Perón entendia o fanatismo. Parece ter existido um desnível entre o discurso peronista e as práticas de sua base social, o que encontramos tanto em escritores antiperonistas como Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares como em escritores aliados e simpatizantes do governo como Luis Horacio Velázquez e Joaquín Gómez Bas. Esse desnível nos leva a repensar a adesão dos setores populares ao governo de Perón.

Palavras-chaves: Argentina; peronismo; setores populares

Resumé: Le fanatisme était considéré par Evita une "force spirituelle" du péronisme. Cependant quand on analyse le discours péroniste et les représentations des secteurs populaires dans la littérature argentine de la période, on trouve un tableau qui détonne de la "défense enthousiaste et fervente de la doctrine péroniste", comme Eva Perón entendait le péronisme. Il semble avoir existé une différence entre le discours péroniste et la pratique de leur base sociale, ce que l'on trouve chez les écrivains antipéronistes comme Jorge Luis Borges et Adolfo Bioy Casares, de même que chez les écrivains alliés et sympathisants du gouvernement comme Luis Horacio Velázquez et Joaquín Gómez Bas. Cette différence nous amène à reconsidérer l'adhésion des secteurs populaires au gouvernement de Perón

Mot clé: Argentine; Péronisme; Secteurs populaires

Introdução.

Buenos Aires, 30 de abril de 2009. Na véspera do Dia do Trabalho, a Confederação Geral do Trabalho (CGT) promoveu, na Avenida 9 de Julho, um ato de apoio ao governo da presidente peronista Cristina Fernández de Kirchner. Foi montado um palanque entre duas grandes imagens, uma de Perón e a outra de Evita. Não faltou a *Marcha Peronista*, entoada durante o encontro. O local não foi escolhido somente pela avenida ser a mais larga do mundo, como se orgulham de dizer os portenhos. Ali, em 22 de agosto de 1951, Evita foi aclamada pela CGT e por uma multidão como candidata à vice-presidente de Perón nas eleições daquele ano, candidatura recusada por Evita alguns dias depois.

Essa forte presença de Perón na memória dos argentinos leva, por vezes, a uma idealização de seus governos. São conhecidas as tensões entre Perón e os opositores de

* Professor de História Moderna e Contemporânea da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Porto Nacional. Doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: <pauloparesi@yahoo.com.br>.

esquerda e dos setores liberais. No entanto, analisando-se o discurso peronista e representações literárias dos setores populares durante o primeiro período presidencial de Perón, consideramos que também existiam tensões entre o governo e a sua própria base social. Utilizamos setores populares no sentido empregado por Leandro Gutiérrez e Luis Alberto Romero em *Sectores populares, cultura y política: Buenos Aires en la entreguerra* (2007). Para os autores, o termo permite pensar os trabalhadores em outras esferas de sua existência além do processo produtivo. Além disso, permite incluir outros grupos como crianças, mulheres e idosos, centrais no discurso peronista. O que chamamos de setores populares eram, para Perón e Evita, os “descamisados”. O governo de Perón não se preocupava unicamente com a atuação político-sindical dos trabalhadores, mas pretendia transformar a sociedade, formar um “novo homem” pautado por valores morais. Daí a necessidade de irmos além dos trabalhadores no processo produtivo. Ao tomarmos em conjunto o discurso peronista, inclusive a obra de escritores peronistas como Luis Horacio Velázquez, as referidas tensões aparecem mais claramente. O voto em Perón parece não ter resultado em apoio a aspectos importantes do modelo de sociedade defendido pelo seu governo. O objetivo deste artigo é desenvolver algumas tensões do peronismo com sua própria base social.

Representações dos setores populares durante o governo de Perón.

Para Eva Perón, o fanatismo era uma “força espiritual” do peronismo. Nas suas palavras, o fanatismo era a “defesa entusiasta e fervorosa da doutrina peronista”. Era o “direito legítimo do povo de defender e difundir, até com a vida, a cidadania em marcha” (PERÓN, 1996a: p. XXXVIII). De acordo com Evita, loucura era o individualismo, o egoísmo:

(...) “el hombre mediocre es el más feroz y más frío enemigo del hombre de genio”. Todo lo extraordinario es para ellos locura imperdonable, fanatismo exagerado y peligroso. Yo los he visto y los veo todavía mirándome “compasivos” y “misericordiosos” con ese aire de superioridad que los define... Nunca entenderán cómo y por qué alguien puede hacer una cosa distinta de los que ellos piensan y nunca hacen nada que no sea para ellos. (PERÓN, 1996a: p. XXXIX).

Apesar da convicção transmitida por Evita, a necessidade de responder aos que viam fanatismo no peronismo indica que, em alguma medida, a associação do governo de Perón com o excessivo foi além dos tradicionais círculos opositores e chegou aos setores populares. Em *As forças espirituais do peronismo*, livro atribuído a Evita, temos uma

dimensão da amplitude do modelo de sociedade defendido pelo governo de Perón: são quase duzentas “forças” que avançam sobre as esferas pública e privada. Escrito em uma linguagem concisa e parecido com um dicionário, o livro tem um claro intento pedagógico e se destinava a um público amplo.

Vejamos alguns aspectos desse modelo de sociedade defendido pelo governo de Perón. A centralidade ocupada pelos trabalhadores no discurso peronista está ligada à valorização do trabalho: em *As forças espirituais do peronismo*, o trabalho é mencionado como a base da causa peronista. Trabalho como ação, ocupação criadora, como o caminho para a realização das aspirações populares e nacionais. A dedicação a ele, portanto, deveria ir além de anseios pessoais.

Entretanto, no livro *Por que sou peronista*, é notável o diálogo de Evita com uma visão negativa do trabalho, supostamente transformada pela justiça social promovida pelo governo de Perón. “(...) pedir mayor producción a los trabajadores era pedirles que contribuyeran con más sudor, con más sacrificios, con mayores esfuerzos a la riqueza de pocos y a la miseria de muchos [grifos meus].” (PERÓN, 1996a: p. 72).

Em *Doutrina peronista*, Perón clama (em 23 de agosto de 1947) por disciplina, responsabilidade, vontade e empenho no trabalho e chama de ação criminoso a diminuição intencional do rendimento da produção. Aliás, a produtividade aparece dentre as “forças espirituais” do peronismo. O adjetivo criminoso mostra o empenho e a necessidade do governo em normatizar o trabalho de acordo com seus pressupostos. Não por acaso esse discurso foi transmitido pelo rádio, o qual alcançava um público expressivo.

Encontramos um esforço parecido na obra do escritor peronista Luis Horacio Velázquez. No romance *Los años conmovidos*, publicado em 1949, Roberto, o protagonista, não aceita um emprego na prefeitura, pois teria que militar para um caudilho local. Prefere trabalhar como ajudante de pedreiro, o que lhe dá a experiência necessária para, posteriormente, cuidar de uma quinta e ser vendedor:

Los músculos domesticados y obedientes en la difícil gimnasia de los andamios lo habían transformado en un hombre dinámico y seguro de sí mismo. (...). A fuerza de comprensión y de dominio iba adaptándose al trabajo manual. (VELÁZQUEZ, 1949: p. 121).

Portanto, a dedicação ao trabalho liberta, aprimora e traz reconhecimento, como demonstrariam os empregos melhores obtidos por Roberto posteriormente. Entretanto, chama a atenção o desânimo dos ajudantes que Roberto contrata enquanto estava na quinta, os quais

desistem rapidamente do emprego. Um desses ajudantes é apresentado como um rapaz “(...) receloso, de mirada huidiza, callado.” (VELÁZQUEZ, 1949: p. 135).

Em *El Juramento*, livro publicado por Luis Horacio Velázquez em 1954, o protagonista Alcides recorda que sua mãe tinha sentido vergonha ao vê-lo trabalhando em uma feira quando criança. Alcides lembra que, naquela oportunidade, a avó Encarnación defendeu a importância do trabalho para a formação de um homem, mas é interessante que sua defesa tenha sido iniciada pelo comparativo irregular de mau: “¡Peor es que robe [grifo meu]!”. (VELÁZQUEZ, 1954: p. 26).

Em *Barrio gris* de Joaquín Gómez Bas, lançado em 1952, o protagonista Federico, quando jovem, começa a trabalhar no armazém de Don Avelino e experimenta a redenção trazida pelo trabalho. Passa a colaborar nas despesas da casa e todos – mãe, irmão e irmã – começam a viver um pouco melhor e mais felizes. Passou a dormir profundamente e não acordava mais de madrugada assustado por imagens e pensamentos estranhos.

Contudo, em um de seus pensamentos, o jovem Federico questiona o esforço e a honestidade como valores necessários para se alcançar a prosperidade econômica através do trabalho:

Algún día viviremos en una casa grande. Cuando yo sea propietario de un negocio como el de don Avelino. Mi madre entonces no tendrá necesidad de lavar ropas ajenas. La dirección de un almacén no es difícil. Sencilísimo: comprar y vender. En cada kilo se pueden robar hasta cien gramos. Nadie se da cuenta. (GÓMEZ BAS, 1986: p. 48).

Desse modo, nos discursos de Perón e Evita e nas narrativas de Luis Horacio Velázquez e Joaquín Gómez Bas, nota-se uma tensão entre o enaltecimento do trabalho pelo governo e uma imagem negativa que parece enraizada na sociedade argentina. A tensão é resolvida através de um discurso moral, segundo o qual a redenção dos trabalhadores dependeria de sua adesão a princípios defendidos pelo governo. É importante destacar que a obra dos dois escritores estava alinhada politicamente com o peronismo. Entre 1952 e 1955, Luis Horacio Velázquez foi presidente da Comissão Protetora de Bibliotecas Populares, ligada ao Ministério da Educação. Quanto a *Barrio gris*, em 1954, recebeu a Medalha de Ouro da Comissão Nacional de Cultura, controlada pelo governo de Perón.

Não bastaria empenhar-se no trabalho. Para cumpri-lo adequadamente, os trabalhadores deveriam cuidar de sua saúde. Segundo Evita, apenas “(...) con un pueblo constituido por hombres sanos y fuertes se puede construir la Argentina grande con que soñamos todos.” (PERÓN, 1996a: p. 128).

A austeridade e a moderação também eram destacadas como condutas a serem seguidas para se atingir a prosperidade. Dirigindo-se a mulheres, Evita destacou que saber “(...) comprar debe ser nuestro lema (...) para consolidar y sostener el salario real de la economía peronista.” (PERÓN, 1996b: p. 25). Ainda durante o governo de Edelmiro Farrell (1944-1946), no qual era vice-presidente, Ministro da Guerra e Secretário do Trabalho, Perón disse que se sentia satisfeito quando via melhorias no lar de um trabalhador, “(...) aun cuando para ello haya sido necesario sacrificar algunos de los lujos inútiles y superfluos.” (PERÓN, 1996c: p. 98).

Para que a prosperidade fosse alcançada, as famílias ainda deveriam ser unidas segundo o cristianismo e seus membros deveriam cumprir os papéis sociais que tradicionalmente lhes eram atribuídos. Sobre as mulheres, ou melhor, sobre as mães pesava a responsabilidade de se garantir a prosperidade familiar através do ensinamento de valores “éticos” e “morais” aos homens e às crianças. Também deveriam recusar a mudança de papéis em curso. “Trabajan [as mulheres] casi como ellos [os homens]. Prefieren, como ellos, la calle a la casa. No se resignan a ser madres, ni esposas.” (PERÓN, 1996a: p. XL). De acordo com o discurso peronista, manter as mulheres no ambiente doméstico seria uma das condições para se obter a austeridade e moderação necessárias para a prosperidade econômica das famílias.

No que se refere à educação dos homens pelas mulheres, o discurso peronista é evasivo quanto aos pontos que deveriam ser priorizados. Perón e Evita falam genericamente em “maus costumes”, “ausência de valores espirituais”, “falta de caráter”, etc. Contudo, a obra de Luis Horacio Velázquez e de Joaquín Gómez Bas nos oferecem algumas pistas. Em *El juramento*, o truco, o bilhar, o cigarro, o violão e o acordeão são apresentados genericamente como costumes bons “e ruins” dos homens (VELÁZQUEZ, 1954: p. 68). Em *Los años conmovidos*, Don Luigi, ajudante de Roberto e Beatriz quando moravam na quinta, morre atropelado por um trem depois de se embriagar. Roberto é um homem que recusa convites para jogar, mas quando se envolve com outra mulher, Emilce, passa a vender bem menos em seu trabalho. Destaca-se a relação entre relacionamentos extraconjugais e problemas econômicos, por exemplo, na passagem em que Roberto, depois de terminar seu caso com Emilce, se reconcilia com a esposa Beatriz:

– Papito les ha comprado este auto.

(...).

– ¿Es tuyo, papito? – le dijo ella desconcertada. ¿Sería cierto?

(...).

Ella le apretó bien fuerte la mano, confiada y optimista (VELÁZQUEZ, 1949: p. 309).

Além do relacionamento extraconjugal de Roberto, na obra de Luis Horacio Velázquez há outros elementos que indicam os problemas enfrentados pelo peronismo para implantar o modelo de sociedade que defendia. Em *El juramento*, Alcides recorda que, quando pequeno, as mulheres da vizinhança “penteavam suas crianças”, “faziam a comida”, “arrumavam a casa” e “esperavam papai chegar”: “¿Qué encantador es el juego de los oficios!” (VELÁZQUEZ, 1954: p. 33). Entretanto, ao lembra-se da adolescência, diz que todos os meninos que tinham irmãs falavam delas com um “pudor temeroso” (VELÁZQUEZ, 1954: p. 65):

El Cacho se puso colorado de vergüenza. No, ciertamente, él no podía jurar que su hermana se casaría con su novio. Le parecía que todos veíamos a la linda Diana deshonrada y sin casarse. Sentía súbitamente un tremendo rencor contra ella, ganas de ir a pelearlo al novio (VELÁZQUEZ, 1954: p. 65).

Dessa maneira, à imagem idealizada da infância é contraposta outra, marcada por medo e confronto, resultantes da descoberta da sexualidade na adolescência. Porém, a narrativa aponta para a possibilidade de se concretizar a imagem idealizada. Alcides não se corrompe: na juventude, quando vai com os amigos a um prostíbulo de Ensenada, não consegue entrar e se surpreende com os frequentadores do local. “¿A qué irían allá, si parecían todos casados y tenían mujer? Muchos eran señores respetables, hasta con barba.” (VELÁZQUEZ, 1954: p. 65).

Em *Barrio gris*, os relacionamentos extraconjugais são uma das causas da violência em Sarandi, localidade da Grande Buenos Aires onde cresceu Federico. Don Carmelo, o músico, quebra um violão na cabeça da esposa Magdalena, adúltera, quando esta se recusa a cantar novamente uma canção já repetida por mais de dez vezes seguidas. Por sua vez, Don Avelino, o proprietário do armazém no qual trabalhava Federico, foi assassinado por Magdalena, com quem tinha um caso.

Depois do assassinato de Don Avelino, Federico começou a roubar no armazém. Dona Ramona, a patroa, “não entendia nada de contas” e se entregou à bebida após a morte do marido. Com o dinheiro “extra”, Federico aluga uma casa onde se diverte com o amigo Claudio, tudo em segredo para não despertar suspeitas. Ambos bebem, fumam e jogam baralho. Como na obra de Luis Horacio Velázquez, é estabelecida uma oposição entre o trabalho honesto e produtivo e os vícios.

O discurso peronista reconheceu explicitamente os limites para se interferir no âmbito privado dos “descamisados”. Em *A razão de minha vida*, referindo-se aos direitos das mulheres, Eva Perón destaca que às “(...) portas do lar acaba a nação inteira e começam outras leis, outros direitos: a lei e o direito do homem, misto de amo e de ditador.” (PERÓN, s/d: p. 285). No mesmo livro, lamenta a ausência de amor nos lares, a falência dos valores morais e a impossibilidade de se contar com os homens e as “mulheres masculinizadas” para transformar este quadro. Daí o direcionamento do seu discurso para as mães.

Cabe frisar que não foi apenas no âmbito privado que o peronismo encontrou obstáculos. Houve reconhecimento de limites para se interferir inclusive na prática político-sindical dos trabalhadores. Em *A razão de minha vida*, Evita assim se refere a uma greve:

(...) não posso imaginar que haja ainda na Argentina um só trabalhador que não tenha compreendido o que é Perón e tudo o que tem feito a bem dos trabalhadores. Conquanto poucos os grevistas, o fato dói-me n'alma como se tivessem sido todos (PERÓN, s.d.: p. 244).

Daí a preocupação do peronismo com a propaganda política, pensada em termos amplos, englobando, inclusive, as mensagens presentes na obra de Luis Horacio Velázquez e de Joaquín Gómez Bas. Perón chegou a declarar que a propaganda política representa, justamente, a ausência da mensagem que veicula na sociedade para a qual se destina:

No hay que poner tanto peronismo en las paredes como persuadir a la población de que el peronismo es la verdadera causa.
(...)
El día que lo logremos, quizá no será necesario poner un cartel más en la calle (PERÓN, 1971: p. 308).

Para terminar, a ironia dos antiperonistas Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares colocou em xeque o fanatismo peronista no conto *A festa do Monstro*. O Monstro do título é uma referência a Perón. Trata-se do relato de um jovem trabalhador que sai em caravana da Grande Buenos Aires rumo à Praça de Maio para participar de um comício do Monstro. Por exemplo, antes da partida, o comitê distribui armas aos simpatizantes, mas a intenção do narrador não era defender a causa do Monstro, mas vender a arma para comprar comida.

Partida a caravana, o senhor Garfunkel, um representante do comitê, vigiava os participantes, mas isso não impediu fugas. O próprio Garfunkel fugiu com uma bicicleta “esquecida” no meio do caminho. Quando o grupo entrou em Buenos Aires, a deserção chegava a um terço dos que tinham partido e apenas não foi maior, pois a maioria estava muito distante de suas casas. “(...) en Quilmes, (...) el crostaje obtuvo permiso para

desentumecer los callos plantales, pero ¿quién, tan lejos del pago iba a despartarse del grupo?” (BIOY CASARES; BORGES, 2000: p. 49).

Para dar apenas mais um exemplo, uma das personagens centrais do conto, Nelly, a interlocutora do narrador, não emite nenhum comentário sobre o relato, não apresenta o entusiasmo mostrado pelo jovem trabalhador. Ao falar sobre a distribuição das armas, o narrador chega a pedir sua atenção: “(...) compenetráte, Nelly (...)” (BIOY CASARES; BORGES, 2000: p. 46). Em um momento no qual o governo peronista tem um discurso bastante direcionado às mulheres, Nelly prima pela indiferença.

Em 1955, Perón foi derrubado por um golpe de Estado, chamado de “Revolução Libertadora” pelos antiperonistas. Logo após, Borges publicou *L’illusion comique*, no qual enfoca a queda de Perón. Dentre outros pontos, para Borges, o governo caiu porque os peronistas apenas simulavam uma adesão a Perón:

[Perón] Ordenó (...) a los oyentes una indiscriminada matanza de opositores y nuevamente lo aclamaron. Nada, sin embargo, ocurrió esa noche; todos (salvo, tal vez, el orador) sabían o sentían que se trataba de una ficción escénica (BORGES, 1999: p. 56).

Assim, ainda que sob perspectivas diferentes, encontramos questionamentos sobre a adesão dos setores populares ao governo de Perón tanto entre os peronistas como entre os antiperonistas. É verdade que não podemos concluir categoricamente que os setores populares não adotaram princípios peronistas em suas práticas. De qualquer maneira, essa parece ter sido a percepção do governo e de escritores do período, independentemente de suas opções políticas. Consideramos que essa percepção foi determinante, por exemplo, para o fortalecimento da oposição durante o segundo mandato de Perón, iniciado em 1952. Também podemos relacionar a essa percepção o exílio voluntário do presidente logo depois da “Revolução Libertadora”, sem, inicialmente, oferecer ou estimular resistências expressivas.

Referências bibliográficas.

- BIOY CASARES, A.; BORGES, J. L. La fiesta del Monstruo. In: OLGUÍN, S. S. (Org.). *Perón vuelve: cuentos sobre peronismo*. Norma: Buenos Aires, 2000.
- BORGES, J. L. *L’illusion comique. Borges en Sur (1931-1980)*. 1ª ed. Buenos Aires: Emecé, 1999.
- GÓMEZ BAS, J. *Barrio gris*. Buenos Aires: Hyspamerica, 1986.

GUTIÉRREZ, L.; ROMERO, L. A. *Sectores populares, cultura y política: Buenos Aires en la entreguerra*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

PERÓN, E. *A razão de minha vida*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, s.d.

PERÓN, E. *Por qué soy peronista y las fuerzas espirituales del peronismo*. Buenos Aires: C.S. Ediciones, 1996a.

PERÓN, E. *Yo Evita: habla a las mujeres, patria – pueblo – recuperación*. Buenos Aires: C.S. Ediciones, 1996b.

PERÓN, J. D. *Conducción política*. Buenos Aires: Freeland, 1971.

PERÓN, J. D. *Doctrina peronista*. Buenos Aires: C.S. Ediciones, 1996c.

VELÁZQUEZ, L. H. *El juramento*. Buenos Aires: Emecé, 1954.

VELÁZQUEZ, L. H. *Los años conmovidos*. Buenos Aires: Guillermo Kraft, 1949.